

Numero avulso 60 rs.

## JORNAL DO COMMERCIO

Aos srs. assignantes de fóra da Capital pedimos obsequio de nos remetterem a importancia de suas assignaturas, em atrazo.

A DIRECCÃO.

As assignaturas para o corrente anno serão:

Capital (anno).... 14\$000

» (semestre) 7\$000

Pelo correio (anno) 16\$000

» » (semestre) 8\$000

A DIRECCÃO.

## CARTA PARIZIENSE

Paris, 5 de Fevereiro

A execução de Vaillant.— Os ultimos momentos de um condemnado a morte.—O governo guerreando os inimigos da sociedade.—Os jornaes excitando o presidente da Republica.—Os pedidos de graça.—Vaillant na grande Roquette.—O segredo sobre a execução.—Como morreu o anarchista.

O autor do attentado contra a camara franceza, o anarchista Vaillant foi executado esta madrugada, quasi em segredo, tal é o terror que o governo possui, receiando a invasão da Roquette por bandos de vermelhos dynamitistas. Não houve nem invasão de anarchistas nem estes mesmos ainda deram o signal de vingança. Mas tudo nos faz prever que ella se não fará esperar, porque a irritação é enorme no meio dos anarchistas que estão fanatisados pelo acto de Vaillant.

Como Pallas em Barcellona e como Spies em Chicago, Vaillant, ao saber que o iam buscar para a guilhotina, exclamou: «A minha morte será vingada.» Os anarchistas de Barcellona responderam ao appello de vingança com a horrivel mortandade do theatro Lycea e os de Chicago com as explosões que se têm dado de então para cá, por toda a parte.

O que farão os anarchistas francezes? Ninguem o sabe por enquanto. Mas foi verdadeiramente

para lastimar que o sr. Carnot não tivesse perdoado em vez de executar as excitações odiosas de uma certa imprensa dos que quizeram ser mais deistas do que Deus e mais papistas do que o papa e que por todos os meios impediam a clemencia e o perdão. Se agora se der um novo attentado já tem como circumstancia attenuante o desejo das represalias!...

Não vamos aqui historiar o crime praticado por Vaillant, facto bastante recente e que deve estar portanto na memoria de todos. Basta apenas lembrar a existencia desse desgraçado, o que é um meio de lhe attenuarmos os desvarios da ultima hora.

Vaillant era filho natural. O seu pai, um gendarme corso, não só abandonou o filho como mais tarde o renegou. Este miseravel pai vive muito satisfeito, de grossa pança, como vendedor de fumo e estampilhas, n'uma villaria qualquer do norte da França.

Sem pais, sem protecção de especie alguma, desprezado por ser filho natural, ainda criança começou a soffrer a miseria. Aos 12 annos errava pela estrada a mendigar. Ia de Paris a Dijon e de Dijon a Sedan, a pé, esmolando. Aos 14 annos foi preso por ter roubado um pão duro! Aos 16 annos foi de novo preso por ter mendigado á porta de uma igreja. Em 1878 foi mais outra vez condemnado por ter bebido um copo de vinho sem ter dinheiro para o pagar. Casa-se, parte para a America do Sul, a mulher abandona-o e apertado pela fome, escarnecido pelos amigos, volta para França onde continúa a sua vida de miseria.

Mas a luta pela vida é superior a todos os livros e nesse cruel e horrivel combate pela existencia aprenden muita cousa, estudou a causa da miseria, lançando-se por fim no partido extremo dos desesperados, a anarchia. Frequentava os clubs, ouve a palavra inspirada dos apóstolos, lê os jornaes de acção e fanatisado jura vingar-se do parlamentarismo, causa, segundo ella pensava, de tantos males.

Manipula a bomba que mais tarde, com poucas preocupações, lançou da tribuna da camara sobre os deputados. A bomba, em vez de ferir mortalmente os parlamentares, ferio gravemente a propaganda anarchista, porque

foi o pretexto entre-somado para os reaccionarios atarem as leis liberaes da Republica. Desde esse dia fenesto o governo lançou-se abertamente a contra das persigações e da repressão.

Ha um ponto mysterioso no attentado de Vaillant.

Segundo as affirmações do anarchista foi um individuo que elle pouco conhecia quem lhe dára os cem francos com que pôde obter os meios de realizar a sua obra sinistra. Ora, a policia nunca procreou saber quem fosse esse mysterioso banqueiro dos dynamitistas, o que é muito para reconsiderar.

O Intransigant diz que esse mysterioso personagem devia ter sido com certeza um agente provocador da policia.

Saba-se como Vaillant foi preso, como elle confessou o crime, as peripectas do processo em que o anarchista estava já condemnado á morte antes de ser julgado, etc. O que nos importa são os seus ultimos momentos.

Vaillant não reclamou a sua graça. Mas de toda a França foram enviados pedidos de clemencia ao sr. Carnot. O commandante marechal, um amigo da familia Carnot, possuidor de um manuscrito de Victor Hugo, em que pedia a Luiz Philippe a graça de Barbès, enviou essa mesma poesia original de Hugo, ao presidente Carnot.

A filha de Vaillant, a pobre Sidonia, escreveu a Mme. Carnot, rogando-lhe em nome de Deus para que intercedesse junto do seu marido para perdoar ao pai que tanto amava.

Em tres reuniões publicas realizadas na semana ultima, em Paris, as pessoas presentes assignaram um pedido de graça para Vaillant. Mas o presidente foi inexoravel, surdo a todos os rogos.

Por outro lado as folhas conservadoras, os senadores e um certo numero de opportunistas que odeiam os socialistas, excitavam constantemente o sr. Carnot á repressão.

Um senador dizia: — Si Carnot perdêa a Vaillant, não volamos no proximo congresso se de novo se apresentar como candidato á presidencia.

Não admira portanto que o sr. Carnot não o perdoasse por fim e embora tivesse o maior desejo de ser clemente, recusou diante das

ameaças de anlicos do Elysio e mais gente da direita.

Vaillant esperava stoicamente o seu fim proximo, tinha redigido as suas ultimas vontades, recuando sempre a assistencia de um padre.

O director da Roquette estava boquiaberto: nunca tivera um prisioneiro tão calmo, tão comedido, tão tranquillo. Comia bem, dormia toda a noite e lia bastante.

O abade da prisão mandou perguntar-lhe se o queria receber.

— Para que? respondeu-lhe Vaillant. Somos dois homens tão distanciados um do outro pelas nossas ideias que nunca nos poderiamos comprehender.

A ordem da execução foi decidida cerca da meia-noite! A prefeitura de policia só a essas horas avisou os jornaes e entre estes só aos affectos ao governo.

De maneira que não podemos assistir a este spectaculo sanguinolento.

Por volta da 1 hora da noite, principiou a praça da Rouquette a encher-se da policia, mas o numero de curiosos era muito diminuto. Meia hora depois chega um esquadrão de guardas republicanos a cavallo que fecha todas as entradas das ruas. Mas a multidão, quando muito uns 100 a 200 curiosos, quando por occasião das outras execuções se levava a multidão a mais de 2000 pessoas. Ninguem viu a execução durante o dia.

É a primeira vez que um acto destes succede. Prova-se bem por isso mesmo o panico de que estavam possuidas as autoridades.

A guilhotina foi armada por volta das 4 horas. A operação da montagem foi bastante lenta. Meia hora depois estava tudo prompto, desde o cutello que reluzia no alto de dois braços vermelhos da veuve até ao panier de serradura onde uma hora mais tarde devia cair a cabeça do anarchista.

Entretanto prompto o dia, um dia pallido e glacial de fevereiro, com um céu cor de cinza, as arvores esguias despidas de folhas, uma neve fria e humida que enregelava todos os espectadores desta horrivel scena.

A commoção é geral. Lá dentro da prisão passava-se outra scena mais simples, mas nem por isso menos horrivel: o despertar do condemnado. Vaillant dormia profundamente quando o procurador da Republica, seguido do juiz e um brigadeiro de policia, o veio despertar.

O anarchista ergueu-se n'um sobresalto, comprehendendo tudo. — Ah! não julgava que isso fosse para esta manhã. Mas estou prompto.

O juiz perguntou-lhe: — Deseja tomar alguma coisa? — Não preciso de coisa alguma para ter coragem.

— Deseja o capellão? Vaillant sorriu-se e respondeu: — Não.

E depois ao levantar-se: — A minha morte ha de ser vingada.

E não falou mais até ao momento em que o conduziram á sala onde o carrasco lhe preparou a toilette da guilhotina.

Esta toilette consiste em cortar o cabelo e uma grande parte da camisa em volta do pescoço do condemnado. Depois ataram-lhe os pés e as mãos atraz das costas. O sangue frio de Vaillant assombrou os circumstantes.

Os ajudantes de Deibler, o carrasco, agarraram Vaillant por cada braço e ajudaram-n'o a marchar. As cordas estavam tão apertadas que o condemnado nem mesmo se podia mover de pé. Foi uma barbaridade este requinte do sr. Deibler.

Quando se abriu as portas da prisão, Vaillant desembainhou a espada e toda a gente se descobriu. O cortejo fúnebre marchou no meio do maior silencio. Não se ouvia sequer o rumor do povo, ao longe.

Vaillant parecia calmo, com um sorriso de desprezo nos labios, alto, a cabeça bem erguida, procurando vêr uma cara conhecida entre os espectadores da horrivel scena.

Depois parou, amparado sempre pelos ajudantes do carrasco e erguendo a cabeça n'um movimento de angastia e de enthusiasmo, exclamou com a voz bem clara, bem distincta, bem vibrante: — Mort à la société bourgeoise! vive l'anarchie!

Deibler atropalhado por esta manifestação inesperada, lançou mão do condemnado e collocou-o logo sob a lunette da guilhotina. O cutello desceu, decepando rapidamente a cabeça do anarchista.

El Vaillant tinha acabado de existir!

O corpo do anarchista foi con-

feiras. Offereceram-me uma collocação na Porte Saint-Martin... n'uma peça que montariam expressamente para mim. Eu desempenharia o papel de uma martyre atirada ás furas no cincto de Roma. Calcula o effeito. Ninguem falaria senão de mim em toda Paris... Pois bem, eu recusei, porque sabia que havia de voltar e tinha receio de perder-te. Ha nada menos de dez dias que ando atrás de ti.

—Não podia impedir-a de fazer isso, visto que estava em viagem; se, porém, estivesse aqui...

—Escuta e toma bem nota do que te vou dizer. As minhas fêras obedecem-me como humilhes cães, e nunca ninguem me resistiu... nem homem, nem mulher. Tu não has de resistir-me mais do que os outros, estás ouvindo?... eu quero-te, hai de possuir-te.

ganteu Coralina, pensando a mão no braço de Jorge, a quem devorava com os olhos.

Era de mais.

O mancebo, irritado, indignado, offendido, desenvencilhou-se bruscamente e disse com azedume: —A senhora engana-se. Eu não sou homem a quem se segure, a quem se guarde. Não a conheço, nem quero conhecê-la.

Coralina empallideceu, e um relampago illuminou-lhe o olhar.

—Tu ainda não o hastes então para mim! disse-lhe ella estufando o corpo para salientar a opulencia do seu peito. Onde encontrarás uma mulher bem feita como eu? Não será de certo no regimento de sujeitas em que escolheste a Taupier? Tenho vinte annos, meu caro, e ha cinco que arrisco a pelle todas as noites, com os meus leões; recusei principes e millionarios... e se eu quizesse, não trabalharia mais nas

que o senhor sahio, reduzi-o a expressão mais simples... disse-lhe que era um sujeito á tôa... a amante não ouviu menos. Estava com o senhor a Julieta?... oh? não negue, ella gritou bem alto. Mas está acabado agora... depois da affronta que ella fez, o senhor não é capaz de voltar para ella.

Aturdido por essa torrente de palavras incoherentes, Cransac calava se, comquanto o seu desejo fosse aproveitar a occasião para obter informações do insolente que havia castigado publicamente e que se dispensara de mandar-lhe testemunhas.

Corolina não dava-lhe tempo de restabelecer-se dos seus espantos, pois que proseguio: —Assim, pois, estás livre, meu bom Jorge, e eu te segure, guardo para mim só. Deixa-me tratar-te por tu; breve lá chegaremos... não faz mal que comece desde já. Tu és o mais bonito rapaz que te-

nhu visto. Eu ainda não estou totalmente estragada... faremos, pois, um lindo casal. E não pensas que as palavras daquella dolambida fizeram-me desgostar de ti... ella disse que tinhas estado em Mazas por causa de negocios indignos... Pois bem, o que tem isso?... Fosse embora a verdade, seria o mesmo para mim... pôde succeder a todo o mundo ir parar a Mazas.

Jorge empallideceu. Sentia-se dominar pela colera.

—E, demais, tu, sabes, continuou a domadora, isto que te proponho não te custará nada. Ganho mais dinheiro do que aquelle que preciso, e de ti não aceitarei nunca um vintem, mesmo que fosses rico como Rothschild. Não te prohibirei que me pagues uma casa, no maximo... a isto não te custará a re... não gosto de ir aos logares de luxo. Queres fazer-me esta noite, depois da representação? pergun-

## FOLHETIM

### A DOMADORA

POR FORTUNÉ DU BOISGOBEY

II

—Sim... o paralytilho louro que carregou-lhe com a Taupier. Eu sabia bem que elle não se bateria. Costuma colleccionar os sopapos. Recebeu nada menos de dous, no tempo em que estava commigo. E pensar que fui tão estúpida que me deixasse enfeitigar por um sujeito daquelles, só porque tinha bonitos bigodes!... Depois que os cortou ficou feio como um piolho.

—Então elle foi seu amante?

—Oh! por pouco tempo. Sympathizei com elle, no verão passado, na feira de Saint-Cloud. Apenas durou um mez. Mas é a mesma cousa!... Naquella noite, depois

